



# apresentação

O presente número da *Aletria: revista de estudos de literatura*, vol. 32, n. 2, organizado pelos professores Márcia Arbex (UFMG), Eduardo Veras (UFTM), Andrea Schellino (Sobornne Université) e Aurélia Cervoni (Università Roma III), dedica-se a trazer um conjunto de textos que tratam sobre o tema do “mito literário de Paris”.

Em suas reflexões sobre a figura do *flâneur*, Walter Benjamin menciona os panoramas, gênero literário comercial que se expande no final da primeira metade do século XIX, do qual derivam as “fisiologias”, que “ocupavam-se da descrição dos tipos encontrados na feira”. O interesse dos “fisiólogos”, ainda segundo Benjamin, desloca-se, em dado momento, dos tipos humanos para a focalização da própria cidade. Paris, então, torna-se personagem, tema e cenário para uma série de obras, sobretudo folhetinescas, das quais o filósofo alemão cita alguns títulos. É nesse mesmo contexto histórico-literário que Roger Caillois identificará o surgimento do mito de Paris, impulsionado justamente pela literatura de corte popular e comercial. Para o sociólogo, esse fenômeno se explica pela “promoção do urbano à qualidade do épico” e pela consolidação de um imaginário coletivo e, em certa medida, coercitivo (características que ele associa à representação mítica) da cidade de Paris.

Tal visada épica da vida urbana assumiria um lugar central na teoria da arte moderna em Baudelaire, que escreve, na seção final do *Salão de 1846*, sugestivamente intitulada *Do heroísmo da vida moderna*: “A vida parisiense é fecunda em temas poéticos e maravilhosos.

O maravilhoso nos envolve e nos sacia como a atmosfera; mas não o vemos.” Como em Balzac, “a eleição da vida urbana à qualidade de mito”, nos termos de Caillois, constitui, em Baudelaire, uma adesão à modernidade, um esforço de apreciação e transfiguração do presente, a busca por um sublime urbano, conforme Antoine Compagnon.

Se o mito literário, como explica Pierre Brunel, se define por seu dinamismo, pelo movimento incessante de retomadas interpretativas e criação de novos mitemas (*les mythes nouveau-nés*), a proposta de pensar o mito literário de Paris nos convida a examinar as particularidades da relação de cada escritor com a cidade e seu imaginário, com foco muito mais nas variantes literárias que na imobilidade do mito, para falar mais uma vez com Brunel.

Os artigos reunidos no dossiê *O mito literário de Paris* dialogam com essa proposta e confirmam que a “capital do século 19”, para retomar o célebre título de Walter Benjamin, continua ocupando um lugar privilegiado no imaginário de artistas, poetas e escritores. O dossiê reúne autores que apresentam uma visão renovada da tradição desse mito, tanto na época de seu surgimento quanto na contemporaneidade, num processo dinâmico de retomadas interpretativas.

O Dossiê se abre com estudos sobre os poetas mais emblemáticos desse tema: Joris-Karl Huysmans e Charles Baudelaire. De um lado, Huysmans, estudado em dois artigos: Francesca Guglielmi destaca o quanto esse “observador naturalista” oferece uma visão singular da Paris de sua época, celebrando tanto as paisagens quanto a vida urbana, sobretudo em suas primeiras obras; enquanto Rubens Vinícius Marinho Pedrosa e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina se detêm nas representações de Paris – muitas vezes apoiadas em pinturas – nos poemas em prosa de Huysmans, tendo como perspectiva a questão da modernidade literária e a estética naturalista. De outro lado, Baudelaire, objeto do artigo de Florelle Isal, dedicado à fantasmagoria e à mitologia parisiense do poeta, que recria o mito de Paris a partir de sua visão desencantada da cidade, apoiada na sua concepção de modernidade.

Em seguida, apresentamos o artigo de Dominique Ancelet-Netter, que mostra a contribuição dos romances de Paul Bourget para a construção do mito literário de uma Paris “provinciana”, situada em certos pontos da *rive gauche*, e que, nesse mesmo movimento, opera uma desconstrução da visada mítica. O jornalista e escritor

Alexandre Privat d'Anglemont, *habitué* da boemia literária parisiense dos anos de 1840, é objeto da reflexão de Danielle Duga, cujo foco é a “investigação etnográfica inédita” que faz junto a uma população da capital considerada marginal, nas palavras do autor. Também Raymond Queneau faz a crônica da capital parisiense em sua vertente insólita e usando da fórmula dos “exercícios de estilo”, conforme a análise de Étienne Crosnier sobre a coluna que o criador de *Zazie* escreveu para o jornal *L’Intransigeant*. Na sequência, a presença da capital francesa na ficção contemporânea de Jean-Philippe Toussaint é tema do artigo de Martine Motard-Noar, que visa mostrar como Paris é o ponto de partida para as diversas narrativas do escritor, mas sobretudo como os deslocamentos e viagens dos personagens para dentro e fora da capital geram instabilidade e determinam a própria estrutura narrativa.

O mito literário de Paris se expande, naturalmente, para além das fronteiras francesas e europeias num processo dinâmico de retomadas interpretativas. No âmbito da literatura brasileira, Raoni Schimitt Huapaya examina a reelaboração de uma *flânerie* na crônica de Lima Barreto dedicada à paisagem urbana carioca, enquanto Fabrícia Wallace Rodrigues mostra como a viagem de Osman Lins a Paris impactou seu processo criativo, reflexo da projeção artística que fez de Paris a capital cultural da América Latina para os escritores da virada do século XX. Mas não apenas em nossas terras esse impacto é observado: os versos do espanhol Rafael Alberti, escritos em Paris no final dos anos 1930, mostram como sua percepção poética da cidade enquanto *flâneur* se articula com as propostas da vanguarda histórica, conforme a análise das autoras Mayra Moreyra Carvalho e Margareth Santos. Por outro lado, W. G. Sebald elege a emblemática Biblioteca Nacional da França e seu entorno como foco de uma “digressão ensaística”, e procede a uma “prospecção imaginativa das camadas recalçadas da experiência urbana” em seu célebre *Austerlitz*, de acordo com a análise de Kelvin Falcão Klein. A escritora mexicana contemporânea Guadalupe Nettel, por sua vez, elege o cemitério Père-Lachaise como centro de sua trama narrativa, não apenas pela simbologia da morte, mas por ser um lugar que ocupa seu imaginário literário individual e que faz parte de sua própria história, de acordo com a leitura de María Esther Castillo García.

Com esse conjunto de artigos do dossiê *O mito literário de Paris*, constatamos que, para além de Balzac, Victor Hugo, Baudelaire,

Apollinaire, Breton ou Aragon, a construção mítica da cidade de Paris pela literatura permanece viva; que a percepção das transformações urbanas pelas quais passou e ainda passa a cidade está atravessada pela visão da cidade também como local de memória, seja individual ou coletiva; que o *flâneur* parisiense sobrevive sob diversas formas e em diferentes continentes; enfim, que a efervescência cultural de Paris foi e ainda é estímulo à criação poética e literária.

Na composição da seção Varia, contamos com sete artigos cuja variedade temática salienta a pluralidade deste número. Em “O discurso autoritário da masculinidade heteronormativa”, Orison Marden Bandeira de Melo Júnior analisa o conto *The Day He Came*, do nigeriano Amatesiro Dore, apontando o conflito entre homossexualidade e o discurso patriarcal. Ieda Magri, em “As aventuras da China Iron”, se dispõe a ler a obra de Gabriela Cabezón Cámara a partir da ideia de transformação das personagens em direção ao fim do mundo, apropriando-se para isso da tradição gauchesca argentina. Por sua vez, em “Becos sem gentileza da memória”, as autoras Aline de Mello Sanfelici e Janice Inês Nodari cotejam as obras *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, e *Sem gentileza*, da sul-africana Futhi Ntshingila, em especial na compreensão de como os espaços ocupados pelas personagens são definidores para a sua trajetória. Em “Os Kafkas de Coetzee”, Adriano Schwartz encaminha sua análise para demonstrar que o capítulo final do romance *Elizabeth Costello*, de J. M. Coetzee, “No portão”, não apenas se apropria de *Diante da lei*, de Kafka, mas ainda reconfigura outro texto do escritor tcheco, *Das parábolas*. Marcela Lanius, no seu texto “Dramaturgias em caleidoscópio: mulheres no teatro estadunidense”, apresenta seis dramaturgas cuja produção varia entre 1910 e 1930, buscando analisar como tais nomes foram apagados do cânone tradicional estadunidense. Em seguida, Thiago Cavalcante Jerônimo, em “‘Desespero e desenlace’, de Clarice Lispector: revista colóquio/letras”, analisa o conto inédito em livro de Clarice Lispector, *Desespero e desenlace às três da tarde*, a partir da versão publicada em 1975 na revista portuguesa *Colóquio/ Letras*. Para finalizar a seção Varia, Roberto Ferreira Junior, em “The Neo-Slave Novel and Progressive Eugenics in Colson Whitehead’s *The Underground Railroad*”, propõe que o livro de Colson Whitehead deveria ser considerado como um novo romance de escravizados, uma vez que o romancista recria a escravidão norte-americana antes da guerra civil.

Para fechar este número, Janaina Miriam Rosa resenha o livro *All the Sonnets of Shakespeare*, editado por Paul Edmondson e Stanley Wells e publicado em 2020 pela Cambridge University Press.

Aos leitores, às leitoras, convidamos a todos para flamar nas páginas deste número, deixando capturar-se pelos estudos e pelas reflexões dos autores que contribuiram com a revista, cujos esforços ratificam o anseio sempre crescente de apresentar estudos sólidos na área dos estudos literários. Agradecemos a todos, aos colaboradores e aos funcionários, que se dedicaram para, mais uma vez, colocar a *Aletria* no ar com produção de qualidade.

Boa leitura!

Andrea Schellino  
Aurélia Cervoni  
Eduardo Veras  
Márcia Arbex  
Elen de Medeiros  
Marcos Antônio Alexandre